

## **Escrevendo caminhos “In”visibilizados e Silenciados nos Espaços Contábeis**

**YNIS CRISTINE DE SANTANA MARTINS LINO FERREIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA (UFRA)

## Escrevendo caminhos “In”visibilizados e Silenciados nos Espaços Contábeis<sup>i</sup>

### Resumo

Aviso aos leitores que esta é uma leitura que não segue ao convencionalismo, nem tão pouco pretende seguir as normas instituídas por padrões, porém, deixo explícito que a cientificidade exigida pela academia e pelo fazer científico-docente está presente. Para se construir conhecimento é preciso ressignificar e há muitas formas de escrever. Assim, a minha proposta é a partir da perspectiva de uma pesquisadora com lugar de fala expor experiências enquanto sujeito com saberes e protagonismo. Para isso, utilizarei Conceição Evaristo e suas escrituras acerca de uma realidade não notada ou discutida com intensidade pelas Ciências Contábeis que é o atravessamento entre racismo. Portanto, digo ao leitor que esse artigo é mais uma rasura ou uma lacuna. Não se pretende chegar à resolução de uma problemática de pesquisa, mas levantar a importância de discussão do tema. Convido à leitura e aviso que ao final existirão bem mais perguntas para pesquisas futuras e *insights* para desenvolvimento de políticas públicas ou estratégias organizacionais do que respostas para o presente. Entre fantasias e realidades sigamos escrevendo e se emancipando<sup>ii</sup>.

**Palavras-chave:** Escrituras; mulher preta; ciências contábeis.

Esse espaço é para emancipação e para tocar a liberdade e sentir. Essas páginas estão permeadas da minha voz, uma voz rouca e inteiramente minha que grita com todas as forças do pulmão as cores mágicas que saem dos meus cadernos de infância e ganham vida.

“Essas histórias não são totalmente minhas,  
mas quase que me pertencem,  
na medida em que, às vezes,  
se (con-)fundem com as minhas.  
Invento?  
Sim, invento, sem pudor.”  
(Evaristo, 2011, p. 10)

Conceição Evaristo em diversos depoimentos expõe sobre a importância da obra de Carolina Maria de Jesus, uma mulher da favela, a qual criou uma tradição literária que exerceu sobre ela e sua mãe a influência de uma escrita, na forma de diário, sobre o cotidiano e a miséria enfrentadas por elas, pois a história de Carolina era a história delas (Machado, 2014).

O que pode fazer com que seja importante ou interessante escrever sobre nossa vida? É uma pergunta retórica. Talvez sem resposta. Mas quando se reflete sobre o fato de que escrever sobre a nossa história de mulher preta é romper o lugar o qual normalmente nos é reservado, o da cozinha. A escrita “é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite” (Evaristo apud Machado, 2014, p. 7).

Adichie (2009) aborda o perigo da história única ao criar estereótipos e se tornar problemática, não pelo fato de ser mentira, mas por serem incompletos e fazerem da história ser a única história. As histórias importam, muitas delas. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, contudo, podem ser usadas para empoderar e humanizar, despedaçando a dignidade de um povo ou reparando a dignidade despedaçada.

Eu sou uma leitora de histórias. Desde pequena leio histórias. Lembro que o primeiro livro que li aos 10 anos era um romance russo. Eu me sentava na sombra das árvores e lia, lia,

lia. E muitos outros livros vieram depois. Eu fiquei intrigada porque na minha cidade não havia neve, não falávamos sobre o tempo e da primavera florida, aliás não havia estação de folhas secas caindo pelo chão e climas amenos, não comíamos morangos maduros ou damasco, eu não tinha lânguidos olhos azuis, cabelos claros como raios de sol e pele pálida. E assim me tornei uma estrangeira em minha própria percepção e terra. Eu amava os livros, pois abriam um mundo mágico perante mim com princesas e príncipes, mesmo sem haver pessoas iguais a mim, vivências iguais as minhas.

Me tornar uma contadora de história e escrever minhas escre(vivências), como fez Carolina de Jesus ou Conceição Evaristo, é, mais que tudo, ir além da história única, como fez Adichie (2009) e empoderar-se. É desafiar a hedge dominante e o funcionamento de um sistema para mudança paradigmática. As produções feitas por mulheres pretas para mulheres pretas são necessárias para reconstituição de suas histórias desde a infância, educação, juventude e violência praticadas contra o corpo preto para compreensão dos processos emancipatórios (Silva, 2021). Este trabalho é um esforço de entendimento, afirmação e (re)significação para seguir caminhando contra as violências praticadas e construção de um horizonte com melhores perspectivas, longe de uma hegemonia branca-heteronormativa-neurotípica. Esse trabalho é um chamado para que mais mulheres contadoras pretas se emancipem.

Quando pequena sentava no colo da minha avó, e ouvia junto com ela minha bisa, que contava sobre os vários “causos” e sobre a nossa família. Enquanto minhas pernas balançavam ao ar, ali era meu mundo particular.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. (Evaristo, 2006, p. 16.)

Nós morávamos numa rua longa que tinha barro vermelho batido. Não tinha asfalto. Quando chovia cheirava a terra e formava poças de lama vermelha. A gente andava pelos lados se equilibrando para não cair na lama e ficava com os pés vermelhos. A nossa casa tinha um murinho na frente e era rodeada por árvores. Tinha um pé de castanhola e eu amava comer as castanholas e também o miolo que tinha uma massa branca. Subir nas árvores de galhos grossos era muito bom. Mergulhar no rio também. As vezes a gente brincava nas canoas ou de pular das pontes que ficavam em cima dos igarapés.

Bila, minha bisa, me chamava de Mina, diminutivo de menina. Ela dizia que meu nome era difícil de dizer e Mina era mais fácil. Eu gosto de Mina. Ninguém me chama assim. Ela tinha mais que seus noventa anos, nascera antes de 1900. Ela só sabia que nasceu em um dia que choveu muito. Não lembrava de muitas coisas sobre a infância. Eu ainda lembro dos cabelos brancos e cacheados dela amarrados no coque no alto da cabeça. Também da comida que ela fazia. Se eu fechar os olhos ainda posso ver tudo e sentir gostos e cheiros.

Ela me ensinou a cozinhar cedo. Ela dizia que um bom arroz tinha que ser refogado. A mistura tinha que ser refogada. A mistura era só para dar o gosto. Não era para encher a barriga e nem para repetir. Ela cozinhava sempre um pedaço para cada um de carne de gado e dizia que era a mistura. Quando não tinha a mistura ela dizia que era “se quis”: se quis, quis, se não quis, não quis. E ela gostava de “pinguelo”. Ela cortava a “abobra”, quiabo e jiló e juntava num refogado. Primeiro colocava o óleo para esquentar numa grande panela de ferro batida, depois jogava o dente de alho dentro e deixava queimar. Depois dizia “olha Mina tem que tirar o alho”. E ficava um óleo marrom. Ela jogava tudo no refogado, sal e ficava delicioso.

Às vezes ela fazia abobrinha. Sentava no quintal com uma bacia e uma abobrinha. Batia, batia, batia, e “penicava”. Depois cortava. Quando estava triturada, refogava o alho e fazia a abobrinha. Era muito bom. Um dia eu vi o vizinho comendo açaí. Mas ela dizia que fazia mal. E quando ela chegou na transamazônica viu um enterro saindo porque a pessoa comeu “esse tal açaí”. Dizia que açaí é remoso. Eu nunca provei quando era criança. Eu imaginava a pessoa comendo açaí com leite e sendo levada em uma rede por várias pessoas. Era assim que ouvia Bila contar sobre os “causos”. Então imaginava...

Bila contava que nasceu no dia que choveu muito e era só isso que ela sabia de seu aniversário. Minha vó Maria, minha tia Marilde e minha tia Marica diziam que ela tinha mais de 100 anos. Tia Marilde gostava muito de forró e andava sempre cantarolando. Ainda ouço a música “nunca vi rastro de cobra nem coro de lobisomem”... e ela chegava de manhã em casa dançando e acordando a todos “bora, bora, bora”, acorda para cuspir.

Eu era pequena e ouvi a conversa que a tia Marica era a mais nova, tinha rugas a menos. Elas estavam conversando sobre aniversários e ninguém sabia as datas de aniversários também. Diziam que as datas de nascimento dos documentos estavam erradas. Então tinham as datas de aniversário que elas diziam e as datas do documento. Eu achava legal ter dois aniversários no ano. Mais tarde descobri que, na verdade, elas não tinham certidão de nascimento.

Eu sempre me perguntei porque chamava de tia as irmãs da minha vó, na minha cabeça. Mas nunca tive coragem de perguntar. Naquele tempo, criança dormia cedo e na hora do jornal nacional já estava na cama. A gente não conversava muito.

Mas, na hora dos “causos”, sempre riam sobre os “causos”...

Um dia, minha vó estava no quarto e entrei e vi que lá em casa tinha uns binóculos com umas fotos manchadas. Ficava dentro de um lenço colorido amarrado no guarda-roupa. Ela sentou e mostrou várias pessoas e contou muitas coisas que não lembro. Ela me abraçou. Lembro do lenço verde com roxo. Eu não sei o que aconteceu com os binóculos da vovó.

Sei que a vida não pode ser vista só com o olho nu. De muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo. O que está guardado na minha gente, em mim dorme um leve sonho. [...] Ouço pelo prazer da confirmação. Ouço pela partilha da experiência de quem conta comigo e comigo conta. [...] Escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências. [...] Cada qual crê em seus próprios mistérios. Cuidado tenho. Sei que a vida está para além do que pode ser visto, dito e escrito. A razão pode profanar o enigma e não conseguir esgotar o profundo sentido da parábola. (Evaristo, 2016).

Bila contava que a mãe dela era “índia”, como ela dizia. A mãe estava no mato em algum lugar e tinha um bebê nos braços e uma criança maior, quando portugueses entraram no mato e a acaram com um cachorro. Como não dava para correr com as duas crianças, deixou o bebê, uma menina, e salvou a outra criança que ninguém sabe o sexo. Bila disse que bebês pesam. O bebê, a “índia”, foi criada pelos portugueses como escrava, mas cresceu e casou com um português. E assim gerou Bila.

Ela não contou ou eu não lembro o resto da história. Mas Bila casou com Bilo, um escravo liberto, na Bahia e, não lembro muito sobre os “causos”. Eu deveria ter anotado. Mas crianças de 5 anos não sabem escrever...

Eu sei que eles não eram alfabetizados e a história oral com o tempo se perdeu. Sei que carrego as histórias, a vontade de vencer e talvez a “sina”, como dizia vovó. De um jeito ou de outro vovó dizia que sou “tinhosa” e se coloco algo na cabeça ninguém tira. Puxei à família...

Minha vó, Maria, dizia que ela era analfabeta, mas que eu tinha que ir até o fim. Ela mostrava como assinava usando o dedo. E dizia que analfabeto preto não era ninguém. Tinha que ser doutora. Eu ficava pensando nesses “causos” e não sei porque nunca esqueci. Eu não

entendia o que era ir até o fim. Nosso amigo Emanuel veio da Roça lá na Transamazônica fazer o “Gavião” na cidade.

Fazer o “Gavião” era o mais longe que eu sabia que uma pessoa podia chegar. Eu perguntei para ele o que era esse “Gavião” e ele disse que lá pelos travessões da Transamazônica as escolas não tinham estudo “até longe” e cursar o “Gavião” era ler muito. Ele lia o tempo todo para essa tal prova do “Gavião” e eu pensava em fazer também um dia.

Mas então eu entrei no ginásio em uma escola. Lá tinha uma professora de português igual a mim, preta. Ela falava bonito. Contava como veio da roça. Escrevia bonito. Lia poesias na sala. Ela falou de muitos livros e de como era a vida. E de que existia uma coisa chamada Universidade, lá na beira do Rio e que lá tinha biblioteca. E que isso era depois do ensino médio. Um dia disseram que a professora não vinha mais e ela ia fazer o doutorado em Portugal. Eu fiquei imaginando o que era isso. O que era esse doutorado de uma pessoa que estudou português e falava poesias bonitas. Com certeza não ia usar tubos de ensaio como em um laboratório igual nos desenhos na televisão. Ou ia? Eu só via na televisão os cientistas em laboratórios com porções coloridas e fumaça. O que seria o tal microscópio? Mas o que um doutor faz? De uma coisa tinha certeza, se ela conseguiu, seria possível. Será que eu poderia ser doutora?

Eu achava que todas as famílias tinham sagas iguais às dos livros que lia. Minha vó Maria dizia que puxava da perna. Eu criança, curiosa como sempre, perguntei o que aconteceu. Ela disse que machucou quando subiu no pau-de-arara. Ela dizia que fugiu do marido que batia nela e queria matar seu filho mais velho, o qual faleceu de fraquinho no sertão. Minha vó dizia que depois disso lavava roupa para fora e ganhava uma “mucheia” de arroz ou de feijão como pagamento. Dizia que esse tempo foi difícil.

Ela contou que foi para invasão em Brasília e lutou por um terreno e lá levantou uma casa com madeira e latas. Viveu com minha bisá e minha mãe. Mamãe conta que não tinha sandálias e que lá era muito frio. Mamãe tinha o cabelo “sará” e ganhava roupas de muitas pessoas. Quando eu nasci era inverno, as duas lavavam roupa para fora e eu ficava dentro de uma bacia com panos e cobertas, enquanto a minha bisá me olhava. Depois mamãe foi ser caixa de supermercado e vovó me levava para mamar no supermercado, de ônibus. Eu ouvia os “causos” e como elas sempre pensavam em coisas legais para fazer com as crianças...

Se cair a gente levanta  
Mulher sim,  
Negra sou,  
Punhos serrados até o fim  
Meu tempo é agora.  
(Duarte, 2016 p. 23)

Quando eu passei no vestibular minha vó e a minha bisá já não estavam mais vivas. Mas eu prometi que ia até o fim. Eu ia fazer a única possibilidade na época, que era letras. Dois anos depois precisava mudar para a capital para acompanhar a família a trabalho. Porém, a justificativa de trabalho não foi aceita para mudança de campus da universidade pública federal. Depois de 10 anos fui jubilada. Precisei escolher entre estudar e trabalhar. Alguns anos depois prestei novamente vestibular para uma faculdade particular e escolhi ciências contábeis. Eu lembro que ouvi a seguinte frase: “desista, você não vai conseguir concluir, pois a mensalidade é o valor do seu salário”. Até então eu não tinha tido o impacto da minha condição de hipossuficiência me impedindo de um sonho a longo prazo.

Eu quase desisti. Nessa faculdade, em condições nefastas e intensas, re-descobri minha condição de preta e pobre. A faculdade ficava em frente a um *fast food* e os demais alunos sempre levavam batatas fritas, *milk shakes* e sanduíches. Eu trabalhava o dia todo e depois ia

para aula. O *apartheid* se dá de forma velada. Eu descobri uma outra realidade. Foi quando percebi a diferença entre a cor da pele e o mundo a que eu pertencia. Isso se deve ao abolicionismo inconcluso, em que o corpo negro escravizado foi marginalizado na sociedade, sem política efetiva de reparação. “Como efeito, a população negra brasileira ocupa a base da pirâmide em condições desiguais de moradia, saúde, educação, infraestrutura, trabalho, salário, cultura e lazer” (Silva, 2021).

Certo dia houve um assalto na Faculdade e por questões de segurança foi instalada uma catraca. Todos precisavam se cadastrar. Eu cheguei e estava na fila, a instrução era quando a pessoa não estava cadastrada, fazer o cadastro. Porém, quando chegou a minha vez, eu fui parada pelo funcionário, o qual perguntou, em um procedimento diferente dos demais, se eu era aluna da faculdade. E eu perguntei a ele: se eu fosse branca e ao invés de sandália de dedos tivesse de sapatos, você faria essa pergunta? Ele me deixou entrar sem mais questionamentos. Aqui vemos um claro exemplo de racismo, ou seja, “atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (Almeida, 2010).

Por sempre chegar atrasada nas aulas, devido ao trabalho, recebi a faixa de aluna cometa na aula da saudade. A brincadeira teve um efeito inverso e, na verdade, depois das risadas me sentei e tive vontade de chorar por um instante. Também, fui na solenidade de formatura mas não ao baile de formatura.

Preta:

Mulher bonita é que vai à luta!

Quem tem opinião própria e não se assusta

Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri dizendo que

“Ele está em pé”

E a ignorância dessa coitada não a permite ver...

Em pé, armado,

[...]

Pra mim é imponência

Porque cabelo de negro não é só resistente

É resistência.

(Duarte, 2016 p. 11).

No Brasil as dinâmicas profissionais, no caso deste trabalho, as contábeis, ainda são permeadas por um grande leque de desigualdades, as quais exigem políticas de diversidade (Anjos et al., 2022) e reconheça além disso a interseccionalidade e o fato de que há interação entre dois ou mais fatores sociais que definem um corpo de uma mulher preta e, dessa forma, questões de identidade como gênero, etnia, raça, localização geográfica, ou mesmo idade, não podem ser separadas. Há no mercado de trabalho contábil a discriminação de gênero e raça, sobretudo para mulheres pretas, tanto relacionada a processos seletivos quanto na falta de políticas de inclusão no ambiente organizacional. E dado o racismo estrutural, as mulheres pretas precisam suplantar barreiras e obstáculos, preconceitos raciais/sexuais/socioeconômicos e se esforçar mais que mulheres brancas, homens brancos e negros (Anjos, 2022).

De certo que, depois da graduação, o sonho da pós-graduação é uma realidade que precisava enfrentar para conquistar espaço e cumprir a promessa de criança. Eu ouvi que não era ninguém pelo fato de não pertencer a uma família tradicional e muitos outros tipos de preconceitos. Como dizia a minha avó, ser “tinhoso” está no sangue do corpo negro.

Para ingressar no mestrado era necessário uma carta de recomendação e, como essa escrivência é sobre nossa existência, vou dizer o que ouvi ao leitor que até aqui se arrisca a ler essas memórias enfadonhas: “eu não vou assinar, eu fiz e não passei, você não vai passar”. Por certo que existem outros docentes que viram em mim potencial e assinaram as cartas de recomendação. Finalmente fui aprovada na pós-graduação e agora a questão era a permanência sem bolsa ou com bolsa.

As mulheres pretas vivenciam a academia de uma perspectiva diferente, pois suas condições de vulnerabilidade socioeconômica e hipossuficiência fazem com que não desfrutem das mesmas oportunidades que outros acadêmicos de pós-graduação, sendo a bolsa de estudos necessária não somente para manutenção dos estudos, mas para sobrevivência (Costanzim & Mesquita, 2021). Eu não tinha casa e precisava pagar o aluguel da kit net. Sem bolsa, restava a opção de se alimentar no restaurante universitário e usar os laboratórios no intervalos das aulas. Parece algo fácil, mas a fila gigantesca de quase 800 pessoas e o clima de quarenta graus era um desafio para a fadiga do corpo.

Recordar é preciso ....

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças  
dos meus farejados olhos transborda-me a vida  
salgando-me o rosto e gosto

Sou eternamente naufraga,  
mas os fundos oceanos não me amedrontam  
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

(Evaristo, 2008, p. 17).

O leitor que chegou até aqui vai ler que finalmente cheguei até o fim. Como minha professora preta do ginásio e como disse para minha vó me tornei uma contadora Doutora...

Eu fui em um evento de Contabilidade e, ao adentar no auditório para ter certeza que iria para palestra correta, perguntei se era ali que ocorreria. Com um sorriso nos lábios, a pessoa que estava no credenciamento, depois de passar uma vista pelo o meu turbante, me advertiu: É sim, mas é uma palestra para os profissionais de contabilidade. Eu agradei pela informação, adentrei no auditório e sentei na primeira fila. E essas mínimas coisas vão veladamente dizendo “seu lugar não é aqui”....

Retina Negra

Sou preta fujona

Recuso diariamente o espelho

Que tenta me massacrar por dentro

Que tenta me iludir com mentiras brancas

Que tenta me descolorir com os seus feixes de luz

Sou preta fujona

Preparada para enfrentar o sistema

Empino o black sem problema

Invado a cena

Sou preta fujona  
Defendo um escurecimento necessário  
Tiro qualquer racista do armário  
Enfio o pé na porta e entro  
(Sobral, 2014)

As vivências de mulheres pretas apontam situações de racismo muitas vezes velado e outras de maneira mais ostensiva. Vislumbra-se a necessidade de mudança institucional estrutural para repensar a questão racial, não apenas por políticas de cotas, mas sobretudo por criação de espaços democráticos de discussão e debates (Machado et al., 2021) e construção de políticas intersetoriais e interseccionais.

## Referências

- Almeida, S. L. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.
- Anjos, L. G. S. D., Furtado, P. M. L., Silva, S. M. C., Sauerbronn, F. F., Nova, S. P. C. C. & Cruz, C. F. (2023). Um Retrato da Desigualdade Racial no Mercado Contábil Produzido pela Ótica das Mulheres Negras do Rio de Janeiro. *Pensar Contábil*, 25(86), 4-15.
- Costanzi, C. G. & Mesquita, J. S. (2021). São Essas Mínimas Coisas do Dia a Dia que Vão te Colocando no seu Lugar, Sabe, que Não É Ali: O Cotidiano de Pesquisadoras Negras no Contexto Acadêmico da Administração. *Gestão & Conexões*, 10(2), 122-144.
- Duarte, M. (2016) *Negra, nua, crua*. São Paulo: Ijuma.
- Evaristo, C. (2006). *Becos da memória*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Evaristo, C. (2011). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Evaristo, C. (2016). *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê.
- Machado, B. A. (2014). “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. *História Oral*, 17(1), 243-265.
- Machado, P. S. X., Miranda, A. R. A., Rezende, A. M. C. & Brito, J. Z. (2021). Um Pingo de Feijão em uma Panela de Arroz: Racismo, Trajetórias e Perspectivas de Mulheres Negras no Poder Judiciário. *Revista Economia & Gestão*, 21(59), 90-109.
- Silva, G. S. (2023). A colonialidade em meu corpo: as mulheres que vivem em mim falam por si. Recuperado de [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11124932](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11124932).
- Silva, K. (2023). Escrevivendo insubmissos verbos de vida com jovens negras na sociedade. Recuperado de [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11156743](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11156743). Acesso em 10 jul 2023.
- Sobral, C. (2014). *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Taguatinga-DF: Ed. Teixeira.

---

<sup>i</sup> A escolha por tal percurso metodológico configura-se como um espaço de escrita sobre as vivências, atravessamentos, existências, re-existências, denúncia, uma vez que desvela memórias complexas e subterrâneas. No movimento de escrever sobre ser mulher preta em construção escreve-se sobre memórias ancestrais, por tanto tempo silenciadas, (in)visibilizadas e que insurgem, em espaço de pesquisa, através da escrevivência.

<sup>ii</sup> O texto se propõe a utilizar a interdisciplinaridade e ser uma prosa intensa ao passear pelas memórias da personagem, trazendo à tona as dores de menina, adulta, mãe, avó e bisavó. Três gerações de mulheres fortes, em um artigo que se mista com um referencial teórico sobre a profissão contábil e o lugar das mulheres pretas, racismo, discriminação, desafios e perspectivas. O artigo não tem em seu escopo o objetivo de desenvolver uma fórmula acadêmica ou científica nova, mas, produzir o gesto narrativo em seu ato contínuo brincando com a teoria sendo um instrumento de visibilidade, empoderamento e emancipação escrevendo por uma mulher preta para outra mulher preta resistente. A cada linha, as quais sabemos, muitas vezes quase interrompida; imprescindíveis para a emancipação.